

PRODUÇÃO TEXTUAL DE POEMA COMO FORMA DE ENUNCIÇÃO DE JOVENS PRIVADAS DE LIBERDADE

Wanda Maria Braga Cardoso
wandabc@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4194911777649926>

RESUMO

Esta pesquisa traz uma análise dos poemas produzidos por jovens privadas de liberdade, com o objetivo principal de analisar como esses sujeitos envolvidos se constituíram enunciativamente em um espaço social discursivo. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma formação com professores de Língua portuguesa desse público e, em seguida, com a seleção e análise dos textos produzidos. Verificou-se que os poemas são a viva voz dos sujeitos no processo enunciativo do contexto social dialógico.

Palavras-chave: Poemas; Jovens; Enunciação

INTRODUÇÃO

O interesse em abordar uma temática dessa natureza surgiu a partir do momento em que houve a proposta de elaborar um projeto didático de Língua portuguesa, em uma formação continuada para professores dos Centros de Atendimento Socioeducativo – CASEs/PE, voltado para jovens/estudantes privados de sua liberdade, bem como a sua aplicabilidade e resultados aferidos posteriormente.

Assim, este trabalho traz uma análise de poemas produzidos por estudantes privadas de liberdade, com objetivos de verificar e analisar como essas jovens se valeram da palavra, em um ato enunciação, para produzir poemas externando suas necessidades, emoções, angústias dentre outras temáticas numa relação de alteridade com os interlocutores no processo linguístico de sua comunidade discursiva.

Desse modo, entende-se nessa pesquisa, que a linguagem é uma forma de agir, de se expressar, pela qual o locutor age sobre o interlocutor, transmite opiniões, ideias, partilha pensamentos, experiências de mundo, enfim, interage com sujeitos. Assim, observamos a concepção de linguagem centrada no uso, entendendo-a como prática social, conforme Bakhtin (2003).

Para realizar este estudo, após a realização da formação continuada com os professores de Língua portuguesa, com as orientações didáticas de como proceder em relação à proposta de produção de poemas pelas jovens, houve um acompanhamento pedagógico das produções textuais por meio de relatórios das docentes, bem como da culminância e socialização dos poemas elaborados pelas jovens/estudantes.

1 ENUNCIÇÃO

A proposta de se abordar a produção textual de poema pauta-se em um sujeito da enunciação entrelaçado em uma ligação única e singular em que franqueia o encontro consigo mesmo, levando o homem a projetar-se na incomparável aventura de dizer-se, de contar-se, de ler e de interpretar o mundo.

De modo panorâmico, esse estudo incursiona pelas concepções de enunciação propostas pelo Círculo de Bakhtin em que foram elaboradas no conjunto das obras, não se limitando em um só texto. De acordo com Brait e Melo (2005, p. 65), Bakhtin e seu Círculo apresentam algumas reflexões a respeito da enunciação em intensa harmonização com signo ideológico, palavra, interação, texto, discurso, dialogismo, polifonia dentre outras categorias específicas do processo enunciativo-discursivo.

A ancoragem teórica desse autor demonstra que as ideias estão sempre em convergência ou em luta com as noções dos outros. Por sua vez, os textos emanam a partir de uma efetiva atitude responsiva, ressalta Bakhtin (2003), peculiar a qualquer ato de linguagem. Ao falar, o sujeito se posiciona em relação ao já-dito, demonstrando, assim, que o enunciado é sempre uma resposta.

É considerável e pertinente afirmar que no cerne dessa teoria a enunciação assume um caráter eminentemente interativo, social, histórico e cultural. Diante disso, Bakhtin e Volochinov asseveram que “o ato de fala, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual [...]; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social” (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 2006, p. 109).

No plano bakhtiniano, “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor [...]” (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 2006, p. 112). Na perspectiva dialógica, o locutor elabora seu enunciado em função do interlocutor que, por sua vez, possui um papel ativo e constitutivo na produção dos enunciados. Com isso, conceber o locutor e o interlocutor na atividade da linguagem é assumir que o processo de compreensão não se reduz somente à identificação da estrutura linguística, visto que a compreensão se trata de um processo ativo. Nesse raciocínio, entender a enunciação da outra parte implica uma orientação própria do ouvinte no que se refere a ela; além do mais, é relevante que o interlocutor localize a esfera dessa enunciação no contexto de suas acepções anteriores.

Outro fator não menos importante, segundo Brait (2005, p. 97), presente no conjunto de obras de Bakhtin a qual retoma o conceito de ‘avaliação social’ efetivada pelo sujeito, em que compreende uma atividade de competência avaliativa e interpretativa de interlocutores em processo de interação. Para essa autora, essa avaliação social assume o caráter do julgamento da situação que intervém na estrutura do enunciado e, com isso, constitui no produto enunciado as marcas do processo de enunciação.

Nessa perspectiva, trazemos como relevância as concepções desenvolvidas e estudadas por Bakhtin acerca do enunciado e enunciação, especialmente quando afirma que “O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular (...)” e enfatiza que há um elo no que concerne a verdade, a bondade, a beleza etc.. Entretanto, o autor assevera que algo criado é sempre criado a partir de alguma situação dada “(a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado” (BAKHTIN, 2003, p. 326).

Essa explicitação em relação ao enunciado só vem realçar a noção dialógica da linguagem, uma vez que o próprio Bakhtin sempre manteve seu posicionamento contrário acerca da concepção de linguagem na perspectiva mecânica e autoritária, uma vez que

ele desabonava o monólogo e concebia a noção de abertura e incompletude, surgindo, por conseguinte, as oposições invocadas em seus estudos, como exemplos: ser/vir-a-ser, dado/criado e acabado/inacabado. A linha de estudos de Bakhtin se assentou no quadro do segundo termo, com sentido aberto, além de compreender o mundo como um processo em formação e o homem um ser em formação.

2 DIALOGISMO

Assumir a natureza da linguagem em uma perspectiva dialógica autoriza-nos a conceber a comunicação humana como constituída por sujeitos que instauram relações sociais, interagem por meio da linguagem e entendem efetivamente o mundo verbal e não-verbal. Dessa forma, a linguagem humana passa a ser compreendida em uma noção pluridimensional e complexa, e os enunciados dos interlocutores entendidos como eventos demarcados por suas condições contextuais, seja de produção como de recepção do discurso.

Para Bakhtin e Volochínov (2006), o diálogo, no âmbito de troca de palavras, ultrapassa as fronteiras do jogo linguístico, visto que é o modo mais natural da linguagem. Com isso, ressaltam também que o diálogo é uma das maneiras mais importantes da interação verbal, já que esta constitui a realidade essencial da linguagem.

Em vista disso, “pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido mais amplo, isto é, não apenas a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”, além do que “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política etc.)”. Contudo, “essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado” (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2006, p. 123).

A essência básica da noção de linguagem em Bakhtin e Volochinov é a interação verbal de natureza dialógica. Na visão desses autores, toda enunciação é um diálogo, como sendo um encadeamento de comunicação ininterrupto. Assim, não se concebe o

enunciado isolado, mas a compreensão de que todo enunciado subentende-se aqueles que o precederam e todos aqueles que ainda o sucederão: um enunciado é tão só um elo que compõe uma cadeia e que só pode ser entendido no interior desta.

Ao destacar a dialogicidade de todo dizer, Bakhtin revela três aspectos distintos: (i) todo dizer se orienta no 'já-dito', isto é, todo enunciado é uma réplica; (ii) todo dizer sugere uma resposta, ou seja, todo enunciado espera uma réplica; (iii) todo dizer é intrinsecamente dialogizado, melhor dizendo, todo discurso é heterogeneamente constituído. Seguramente, a partir desse prisma, percebe-se a notoriedade da perspectiva da dialogicidade como um componente primordial do ponto de vista bakhtiniano. O pensamento de Bakhtin acerca do homem e da vida é caracterizado pelo princípio dialógico.

Nesse quadro, o homem é constituído pela alteridade, enquanto a concepção de dialogismo é compreendida como princípio fundador da linguagem, visto que todo enunciado é sempre proferido de um alguém para outro alguém. A posição filosófica de Bakhtin e, especialmente, a tendência de seu esquema teórico, construído no dialogismo, é observar o mundo com enfoques diferentes. Cabe, nesse ponto, entender o movimento dos eventos em sua pluralidade, em sua heterogeneidade.

Ao analisar o dialogismo bakhtiniano como o componente que instaura a essência interdiscursiva da linguagem, Brait (2005) fundamenta a temática do dialogismo em uma dupla e indissolúvel dimensão: (i) em relação ao diálogo, dificilmente simétrico e harmonioso, presente entre os diversos discursos que retratam uma comunidade, uma cultura, uma sociedade; (ii) no que se refere às relações que se instauram entre o eu e o outro nos processos discursivos instituídos historicamente pelos indivíduos. Assim, "E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem" (BRAIT, 2005, p. 98).

Na perspectiva de Bakhtin, a linguagem é tudo na vida do sujeito. Consequentemente, uma realidade ampla e com múltiplas particularidades não deve ser entendida tão somente por meio da linguística. Para Bakhtin (2005), a linguística estrutural é insuficiente para contemplar a natureza do diálogo. A concepção de interação

verbal proposta pelo Círculo estende as considerações em favor da língua para além da estrutura formal, identificando a linguagem como atividade em seu contexto sócio-histórico. Na ótica de Faraco (2006, pp. 105-106) acerca da concepção de linguagem do Círculo é “como atividade, como um conjunto de práticas socioculturais e estão atravessadas por diferentes posições avaliativas sociais (concretizam diferentes vozes sociais)”.

Desse modo, Bakhtin e Volochínov (2006) entendem a linguagem como um campo de batalha social, o espaço onde os duelos são enfrentados não só pública como também intimamente. Assim, pode-se inferir que a linguagem e o poder sobrevivem em uma intersecção contínua: cada palavra converte-se na arena onde concorrem as entonações sociais, isto é, a mesma palavra, proferida por um lavrador, um peão, um operário, um intelectual, um empresário, um professor, não é rigorosamente a mesma palavra. É nesse raciocínio que se revela a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin enquanto atividade, enquanto forma de ação interindividual, enquanto mecanismo de interação que faculta na interação a prática social dos mais diferentes tipos de atos, que se opõe às concepções de língua, no decorrer da história do pensamento linguístico.

3 PRODUÇÃO TEXTUAL DE POEMA

Nessa proposta foi utilizado o conceito de gênero textual abordado por Dolz e Schneuwly (2010) para o ensino e aprendizagem. Esses autores preconizam que os gêneros concebem-se como referências, um “modelo comum”, em que se manifestam regularidades de formas e uso que proporcionam horizontes de expectativa e, assim, evidenciam os papéis dos interlocutores desse ato comunicativo. Com isso, são compreendidos como ferramentas de ensino bastante eficazes quando associados a situações de comunicação.

Esses estudiosos garantem que pode se gerar um conflito, uma tensão quando se trabalha com vários gêneros secundários em sala de aula, haja vista a não vinculação desses gêneros a realidade imediata e, assim, a necessidade do aluno, como, por exemplo, um bilhete, lista de compras etc. Contudo, sabe-se que trabalhar com gêneros

que exigem uma elaboração mais monitorada, oportuniza ao aluno dispor de recursos mais complexos para construir o gênero proposto. Esse é o caso de se trabalhar com produção de poemas no ambiente escolar. Trata-se de um texto lírico, valendo-se de metáforas, proporciona deslocamento e (re)construção da realidade de modo lúdico, numa espécie de jogo natural com a palavra.

Desse modo, Dolz e Schneuwly (2010) asseguram que, na elaboração de um enunciado, o produtor pode, de modo consciente, fazer desvios à estrutura já conhecida por ele e o seu interlocutor, sendo este um processo natural e gradativo que pode transformar os gêneros, dando-lhes outras nuances. No caso do poema, os desvios em sua estrutura e os mecanismos linguísticos são explorados como uma estratégia de estilo, o que pode assegurar maior flexibilidade. É importante destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ensino fundamental, propõem o Poema na categoria de gênero literário escrito privilegiado como atividades de leitura, escuta e produção de textos.

A partir de uma proposta pedagógica coordenada pela Secretaria de Educação de Pernambuco, para jovens internas dos CASEs, e que essa pesquisadora faz parte da equipe técnico-pedagógica, foi disponibilizado um projeto de poemas com o intuito de desenvolver produções textuais que envolvessem a realidade e o contexto dessas jovens, associado a dinâmica da instituição, bem como demonstrar a capacidade produtiva e possibilitar o desenvolvimento de outras habilidades que proporcionam o gosto pela educação formal.

O projeto foi realizado em forma de oficinas, organizadas em três momentos: (i) sensibilização: foram disponibilizados poemas de autores diversos em papéis coloridos afixados nas paredes, além de expor *slides* de *powerpoint* com poemas para as jovens exercitarem a rima, proporcionando uma conversa informal e uma reflexão; (ii) vivência: foram realizadas dinâmicas com vistas a explanação de vivência das jovens, e uma didática com recursos de como elaborar um poema e, por fim, a criação do poema com o estímulo: vamos “brincar com as palavras, como quem brinca de bola, papagaio e pião”. Após a primeira escrita, as jovens eram convidadas a realizar a reescrita; e (iii) socialização: os poemas foram socializados, em recital, para os profissionais envolvidos.

Isso quer dizer que as professoras envolvidas nesse projeto suscitaram nas jovens o valor de conhecimentos referentes a temas, a escrita e reescrita de poemas. No último momento, foi realizado um recital e vislumbrada a possibilidade de publicar o material produzido por essas jovens.

Com a temática sugerida para as jovens trabalharem com a própria experiência de sua vida até o internato, as produções fluíram de modo espontâneo, na incrível aventura de poder dizer-se no processo enunciativo de sujeito inserido em um mundo real em que há outros tantos sujeitos interessados em suas histórias. Desse modo, foi selecionada uma amostra de dois poemas que demonstram a magia trágica em que as jovens incursionam.

VIVA PARA LIBERDADE 1

Todas querem sua liberdade
Todo mundo erra, peca,
Mas nem por isso merece ficar preso

Trágica foi à escolha que eu fiz
E agora é tarde pra voltar atrás

Eu sou como um passarinho
Quero ser livre pra voar
E viver minha liberdade

“Sou aquela ave engaiolada”
E triste, que lamenta
A liberdade que não tem
Mas resisto na esperança
Que a liberdade um dia vem.

UMA MENINA ENCARCERADA 2

Agora estou aqui
Na cadeira pensando
Porque estou na cadeia?

1 Poema de estudante que está recolhida no CENIP Santa Luzia, em Recife, quatorze anos de idade; foi suprimida a sua identidade para garantir a proteção da adolescente que está sob responsabilidade do Estado e amparada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O poema foi produzido na Oficina de Poesia Coordenada por uma professora da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

2 Poesia da estudante do CENIP Santa Luzia, em Recife, com quinze anos de idade, produzida na Oficina de Poesia, Coordenada por uma professora da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Foram coisas erradas
Que eu fiz no mundão

Pois eu sinto tanta solidão
Meu Deus tenha compaixão!
Me arrependo de ter traficado
E agora estou
Vivendo no quadrado

Dia vinte vai ter minha audiência
Eu vou receber minha sentença
O que a juíza vai me dar?
Será que vou receber minha L A

Percebe-se que os sujeitos enunciativos nesses poemas dizem de si o seu eu lírico mais íntimo. Há um sentimento que é externado, em uma viva voz que se faz ouvida para além das paredes do cárcere, visto que esses poemas foram produzidos com o intuito de serem publicados para além dos muros do centro de acolhimento.

No poema “Viva para a liberdade”, o sujeito enunciador traz a palavra para o campo de batalha da arena discursiva, conforme Bakhtin e Volochínov (2006), buscando seu espaço social demonstrando arrependimento, embora reconheça seu erro, como se isso fosse algo inerente a natureza humana, compara-se a uma ave engaiolada que gorjeia sua triste limitação de liberdade, de não poder usufruir do seu espaço natural na sociedade, dos espaços discursivos. Ferida a sua alma em um triste lamento, ainda assim, demonstra um fio tênue de esperança de tornar-se livre, porque essa é a condição natural do ser humano.

No poema “A menina encarcerada”, o sujeito da enunciação se reconhece em um espaço social limitado que dá asas a imaginação para além das paredes do internato, por meio do título, discursivamente há instaurado um espaço dialógico com o próprio eu, em uma atitude de produção responsiva ativa, uma (re)ação, conforme Bakhtin (2003). Há um diálogo estabelecido com uma audiência em que invoca o perdão para a sociedade, na personificação de Deus, Ser Supremo, ao externar arrependimento. O sujeito finaliza seu diálogo com a esperança de ser contemplado com a LA (Liberdade Assistida).

Verifica-se nesse poema o uso do dialeto “mundão”, já institucionalizado por essa comunidade discursiva, considerado uma variante linguística (TRAVAGLIA, 2003)

normalmente utilizado pelos internos no espaço social limitado do centro de acolhimento que significa o mundo fora dos muros do internato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi analisado, podemos constatar que ao se trabalhar a linguagem numa perspectiva dialógica e enunciativa, vislumbrou-se uma maneira pela qual as jovens, fazendo uso social dela, puderam alcançar e sentir maior mobilidade no mundo em que vivem, mesmo encarceradas, sentindo e usufruindo por meio da expressão verbal uma condição de liberdade. Com isso, percebe-se que quando interagimos, concedemos ao outro um conjunto de informações que vai além dos conteúdos os quais estamos tentando transmitir, como nossa identidade social – variações linguísticas de região e de grupo social –, sentimentos, como forma de enunciação de se dizer para o mundo.

Então, pode-se dizer que os poemas produzidos por essas jovens são marcas de uma interação, concebida como uma relação de alteridade, a qual, fundamentalmente, o “eu” se constitui pelo reconhecimento do “tu”, conforme Bakhtin e Volochinov (2006). Esses interlocutores, jovens/estudantes e público envolvidos, são parceiros, dialogam com suas vozes sociais e, sobretudo para essas jovens, esse momento lhes faculta um estado de liberdade ao fazer uso da palavra.

Bem como nos acenam Bakhtin e Volochinov (2006, p. 26), “a enunciação é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística”, implica considerar o contexto social que o indivíduo está circunscrito e, nesse contexto, a interação empreendida pelos interlocutores. Ao compreender a língua sob esse enfoque, percebemos que a interlocução verbal é, pois, o espaço para a realização da linguagem e também da constituição dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. & VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006. (Publicação Original 1929).

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. de P. Bezerra. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. (Publicação Original 1963).

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992/2003. (Publicação Original 1979).

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B.(org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2005. pp. 91-104.

BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 61-78.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas/ SP: Mercado das Letras. 2010

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. 2ªed. Curitiba/PR: Criar edições, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus**. 9 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

SOBRE A AUTORA:

Doutora em Educação, na linha de pesquisa em Aprendizagem, Formação e Inclusão Socioeducativa, com temática de tese que versa sobre as Propostas de Atividades na Língua Oral no Livro Didático de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos. Mestre em Linguística, pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialização Lato sensu em Leitura, Compreensão e Produção de Textos, pela Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística e Educação, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Produção textual (oral e escrito), Linguagem de mídias, Linguística de texto, Variações linguísticas, Gêneros textuais, Leitura, Compreensão e Produção de Textos, Análise do Discurso. Atua como Técnica de Ensino em Língua Portuguesa na formação de professores da Secretaria de Educação de Pernambuco, Professora da Faculdade Joaquim Nabuco, Faculdade Boa Viagem e FOCCA. Integra o NUPEP - Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular - Universidade Federal de Pernambuco.